

## **A REVALORIZAÇÃO DA NATUREZA E CONSUMO DO ESPAÇO ESPETACULAR EM UM ESTUDO DE CASO: O ECOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL DOS TRÊS PICOS/RJ**

**Pedro Egas Sidarta Moniz de Aragão – Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
[ps.aragao@gmail.com](mailto:ps.aragao@gmail.com)

### **INTRODUÇÃO:**

Procuramos, no presente trabalho, diversidade de pensamentos acerca da paisagem nos diferentes segmentos sociais da população do Rio de Janeiro. Diversidade essa que pode ser em parte explicada pela existência de instituições que trabalham o imaginário da população. Quer sejam os clubes cultivando a ética excursionista, quer sejam as operadoras de ecoturismo cultivando o consumo do espaço de uma forma espetacular (de atração pela a imagem, pela coisa superficial, fabricada, *falsa*).

Para tal empresa, buscamos nos fundamentar em um diálogo entre três matrizes teóricas, a “Modernidade em Crise”, com Anthony Guiddens (1991) e Jean Baudrillard (1991), onde o processo de modernização gera uma fuga do racional e do objetivo e leva muitos grupos a procurarem uma vida mais simples e retornam ao mundo natural. Tratado pela matriz “Paisagens, Textos e Identidades”, com James Duncan (2004), Donald Meinig (1996) e Anthony Guiddens (2002), este homem produz na paisagem uma série de comportamentos que forjam na mesma uma ideologia do perigo, que condiciona uma apreensão específica da paisagem, as montanhas ganham conotações diversas e criam-se laços topofilicos com o local. Dialogando com esta situação, temos como um fenômeno mais recente no mundo, a “Espetacularização da Vida”, com Henry Lefebvre (1976) e Guy Debord (1997), onde a ascensão da imagem como fim-em-si-mesma e a venda e o consumo da natureza, tornada mercadoria.

Como metodologia, nos utilizamos dos diversos trabalhos de campo realizados na região do Parque Estadual dos Três Picos/RJ, buscando assim entender como as diferentes ideologias construíram, na paisagem em questão, diferentes significados para a natureza e como estes produzem condutas diferenciadas. Como idéia chave para o entendimento da gênese dessas ideologias que atuam na área em questão, traçamos um perfil histórico da construção do excursionismo no Brasil, que se forma como práxis e como ideologia inspirada em diversas tendências. Uma vez constituído como tal, o excursionista estabelecem nas áreas naturais os mais variados desafios. Técnica, tenacidade, coragem eram pré-requisitos necessários para a conquista e, em Salinas, criou-se rotas e caminhos que logo ficariam famosos nos pais por sua complexidade e risco, logo salinas se tornaria um terreno de aventura por excelência.

Na metade da década de 1990 , o Brasil entra em uma era virtuosa em sua economia, assentado sobre as proposições do neoliberalismo, a moeda nacional ganha força frente ao dólar , recapitalizando a longamente deprimida classe média, que pode assim importar comportamentos e instrumentos. Nesse contexto, surge a venda da aventura, a simulação do vivido, o consumo do espaço sobre outras bases. Os esportes radicais, o ecoturista como imposição do *marketing*. A aventura como um serviço e o aventureiro com um produto.

### **O EXCURSIONISTA CARIOCA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO. O ENTENDIMENTO DA PAISAGEM DA REGIÃO SERRANA FLUMINENSE A PARTIR DO PENSAMENTO DOS AUTORES ATUANTES EM SUA CONSTRUÇÃO.**

Entendendo como uma evolução, via os diversos personagens envolvidos, rumo a construção de uma ideologia do risco para a paisagem em questão (MEINIG,2002) e a organização em clubes excursionistas como difusor dessas idéias nos focamos, nessa parte do texto, nesse pequeno contexto histórico, que passa da visão portuguesa/brasileira para o novo mundo, à uma versão dos imigrantes alemães e suíços para a natureza na região serrana fluminense. É sobre as dialéticas nas relações entre estrangeiro X brasileiro e mateiro X explorador equipado é que se forja o excursionista, indivíduo complexo que também evoluiu com as paisagens que criou, em uma dialética homem X meio.

Herdeiro da visão portuguesa para o Novo Mundo, onde, tal como Pero Vaz de CAMINHA (1963) escreveu em sua carta ao rei, a forma esplendorosa e fantástica que a natureza se apresenta conota um mundo feito por Deus no qual ao homem cabe o papel principal. Todas as outras formas de vida, tudo o que é natural o é somente para o serviço e o deleite do seu Ser. Ideologia para a paisagem, construída na época para legitimar a conquista do novo mundo pelo europeu, o mundo se transforma em um grande jardim para a humanidade, que em contrapartida se encarrega de criar finalidades para as possibilidades oferecidas pelo meio natural.

Como todo o jardim precisa de jardineiros (MEINIG,1996), para a região serrana fluminense foram deslocados grandes contingentes de camponeses europeus, sobretudo alemães. Os camponeses alemães, tidos na época como os que melhor transformavam a terra, de substrato “imprestável” a produtos com potencial lucrativo e fundam assim, mesmo sob condições adversas impostas pelos muitos reveses da natureza no local, as colônias de Friburgo, Petrópolis e Teresópolis.

A natureza fluminense, dessa forma, deu provas de que, com trabalho e método, poderia ser subjugada. **O meio técnico** ,como Milton SANTOS (1996) propôs, já munia os primeiros colonos de um arcabouço técnico que tornava viável o desafio a lógica natural imposta. Possibilitava a expansão da fronteira do possível, do colonizável e do conquistável.

O excursionismo no Brasil se manifesta inicialmente no Rio de Janeiro, então capital do Império, com a conquista, por uma jovem inglesa, do Morro do Pão de Açúcar em 1812. Outro marco importante do excursionismo foi à tentativa da ascensão do morro do Dedo de Deus. Em 1908, um grupo experiente de alpinistas alemães fez algumas investidas contra os contrafortes da montanha e, sem sucesso alardeiam na mídia a impossibilidade de tal feito. Quatro anos depois, em 1912, quatro jovens pobres, um ferreiro e três mecânicos desenvolveram técnicas próprias e “assombram” a sociedade carioca com a conquista desta montanha símbolo. Pendendo sempre entre a elite e a classe média economicamente deprimida, o excursionismo ganha, já nos anos de 1920 a sua primeira associação, o Clube dos Excursionistas, fundado por um grupo de ingleses e alemães que aqui viviam.

Sob a tutela, a organização e a sistematização dos escassos conhecimentos, o Clube dos Excursionistas logo se tornou famoso, reunindo coragem, meios técnicos e o dinheiro da jovem elite brasileira, organizaram-se diversas expedições para pontos cada vez mais remotos da topografia. Em Salinas, no ano de 1944, é conquistado o Pico Maior, inaugurando uma era aonde não haveria feitos impossíveis, a conquista do homem sobre a natureza (DIEGUES,1996) se afirmaria como absoluta, o que restaria para as gerações vindouras de excursionistas seria a expansão, desafio após desafio, dessas fronteiras do possível.

#### **A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL: A CONSOLIDAÇÃO E A EXPANÇÃO DA ATIVIDADE EXCURSIONISTA. AS DIFERENTES IDEOLOGIAS PARA A PAISAGEM E O DESTAQUE DO RISCO CULTIVADO COMO FORÇA MOTRIZ.**

Apesar do ainda fechamento do regime militar, a década de 1980 teve, na sua metade, um momento de “virada” onde, com a re-democratização e a ascensão de um presidente não-militar, houve uma retomada do crescimento econômico e da confiança do país. O Brasil retoma o crescimento e re-abre sua economia, recapitalizando alguns estratos sociais brasileiros.

Para o Excursionista, agora com um numero elevado de adeptos na classe média foi o começo, ainda que incipiente, de uma “época de ouro”, recapitalizados, estes puderam investir em equipamentos e internalizar novas técnicas, um novo meio técnico, que possibilitou a conquista de novas rotas na região de salinas e no vale de Bonsucesso, estabelecendo um padrão de perigo, autocontrole e desafio (DUNCAN,2004).

Internalizado nos procedimentos dos conquistadores carioca, o risco se materializou na paisagem e, escrito na toponímia da região o espírito dessa época é materializado. “Corajoso Medo”; “Medos e Mitos” ; “Meninos Perdidos” ; “Vida Transitória”; “Sólidas Ilusões” entre outros são topos que remetem a idéia de medo e de risco a qual esse conquistador se propunha. O risco cultivado, a procura de um sentido para a vida na aventura, no risco e na inseqüência (GUIDDENS, 2002). A essa teoria, podemos aliar o

pensamento de que o próprio projeto de modernidade, como uma exacerbação da objetividade, da cientificidade e da otimização do tempo, é um sistema que desconstrói os tradicionais sentidos para a vida via mecanismos de desengajamento reduzindo o tempo a cifras, via mediocridade.

A rotina, esmagamento de subjetividades, é a ferramenta que permite ao sistema capitalista evoluir. A indiferença e a passividade (BAUDRILLARD,1991) são instrumentos que permitem a manutenção de estruturas sociais de dominação e perpetuação do poder existente. O excursionista recria os valores de seus predecessores e fabrica uma alternativa ao objetivo, racional e lógico. Esse aventureiro se lança na subida de longas e perigosas rotas, como as de Salinas, buscando respostas a angústias sobre os mais diversos aspectos da vida moderna. Procura, em muitos casos, a convivência com as amenidades que a natureza ainda pode oferecer. Em muitos casos também se pode observar, em ambientes como os de Salinas, a procura pelo risco como uma necessidade psicológica, a exposição do corpo à situações que ofereçam risco a sua própria existência causa uma situação de euforia, onde grandes descargas de adrenalina são liberadas pelo corpo no sistema nervoso. A recompensa biológica de tais exposições é a liberação da endorfina, substância que causa uma sensação de bem estar.

Sobre como este grupo de indivíduos lida com o risco, GUIDDENS (2002) demonstra que ao se defrontar com situações perigosas, os riscos são quantificados como um “pacote” que os indivíduos aceitam ou não, as vias perigosas são apenas um dos riscos a que se está exposto (existem fatores com distância de atendimento médico, altitude, condições climáticas).

Conforme fica exposto a alguns períodos de situações extremas, o excursionista cria um casulo protetor, ganha confiança para galgar níveis maiores de risco na paisagem, quantificada na escala “E”, de exposição. Esta escala quantifica o risco, que começa com risco quase nulo em caso de queda, e chega ao último nível, aonde as próprias vidas dos excursionistas são colocadas em risco.

### **A REVOLUÇÃO NA PRODUÇÃO DE SENTIDO, O ESPETÁCULO COMO FORÇA CRIADORA DE NOVAS IDEOLOGIAS PARA A PAISAGEM.**

Baseado nas idéias de Guy DEBORD (1997) sobre o surgimento de um novo estágio social, produzido historicamente, aonde a fascinação pela imagem é tal que esta se afirma como um fim em si mesma, se afirma como a ascensão do parecer (rico, corajoso, jovem, etc em uma rede de simulacros) sobre o ter e o ser. Fazemos uma ponte com as idéias de Henry LEFEBVRE (1976) sobre a criação, a venda e o consumo do espaço para, assim caracterizar uma nova forma que grupos de indivíduos encontram de, na emergência de uma sociedade global, criar alternativas rentáveis de fuga desse “deserto do real”, fuga esta que se traduz, muitas vezes, como uma volta para o natural, uma vida mais simples, sujeita as variações e aos caprichos da natureza.

O excursionismo, conquista de locais inóspitos, é uma atividade que se enquadra com perfeição ao “estereotipo de fuga” vendável já que a força das emoções vivenciadas na atividade, a facilidade de alcançá-las e a efemeridade das mesmas facilita a criação de verdadeiras “indústrias da aventura”, aonde se criam condutas e consumidores padrão, uma lógica de a racionalidade, típica da modernidade. O Espaço é consumido e em seguida descartado, um descolamento da paisagem e da ideologia, tradicionalmente vinculados, é o mote desse novo processo.

O espetáculo é a força motriz desse descolamento, Debord, já em 1968, assinalava que a atração pela a imagem, pela aparência, em detrimento das essências. Viver sem entender *o porque*, consumir sem entender *para que* é lugar comum na caracterização desse homem. O descolamento da ação e da reflexão é um poderoso arcabouço, utilizado com maestria pelo marketing para “associações rápidas” de lógica e sentido, descartáveis e facilmente retrabalháveis.

As empresas de ecoturismo, se valendo desse mecanismo e o contexto do homem na modernidade, angariam hordas de indivíduos que buscam, via imagem, se aproximar, ao menos momentaneamente, do que é ser excursionista, se encontram com a essência da paisagem e a sentem, como os excursionistas, mas não entendem o que sentem. Não se vinculam historicamente com o significado da paisagem, são estranhos, simulações.

#### **Considerações finais:**

Buscamos, no presente trabalho, caracterizar o longo processo reflexivo de construção da paisagem, terreno de aventura, no Parque Estadual dos Três Picos/RJ. As marcas indelévels que a ideologia cria na paisagem e como esta trabalha as novas gerações de excursionistas na perpetuação de seus procedimentos. Como evolução desta cena, temos a explosão da superficialidade e consumo que atinge muitas esferas da vida como uma revolução. O ecoturismo surge com força nesse contexto, apego e apelo a imagem no processo de criação de um novo público, o ecoturista, desvinculado dos processos de construção reflexiva da paisagem e consumindo o espaço de forma desordenada.

**Bibliografia:**

BAUDRILLARD, J. A sombra das maiorias silenciosas. O fim do Social e o Surgimento das Massas. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEBORD, G. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIEGUES, A. C. O Mito moderno da Natureza intocada. São Paulo: HUCITEC, 1996.

DUNCAN, J. A Paisagem como um Sistema de criação de Signos. In: Paisagens, Textos e Identidade / Organizadores, Roberto Lobato Correa , Zeny Rosendahl. –Rio de Janeiro :EdUERJ, 2004

GUIDDENS, A. As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: Editora Estadual Paulista, 1991.

GUIDENS, A. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

LEFEBVRE, H. Espacio & política. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

MEINIG, D.W. O Olho que Observa: Dez Versões da mesma cena. In: ESPAÇO E CULTURA – N. 3 – (DEZ. 1996). Rio de Janeiro:UERJ, NEPEC, DEZ.. 1996.

SANTOS, M.A. Natureza do Espaço – Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.